

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Luciano Denardi Alarcon

O AMADOR E A FOTOGRAFIA

O papel da produção amadora no desenvolvimento fotográfico

MESTRADO EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Comunicação e Semiótica, sob a orientação do Prof. Doutor Arlindo Ribeiro Machado Neto.

SÃO PAULO
2008

Banca Examinadora

À minha mãe e avós por apostarem em meu sonho.

AGRADECIMENTOS

A essa força maior que sempre nos coloca no lugar certo com as pessoas certas.

À minha mãe, Maria Vitória, e meus avós, João e Letícia, pelo apoio incondicional.

Ao meu pai, Mizael, por ter me deixado como herança o gosto pela fotografia.

À Cristiane, meu amor, pela paciência e inspiração.

Ao professor doutor Arlindo Machado, pela orientação e por mostrar, empiricamente, que o conteúdo vale mais que o volume.

Aos professores doutores Giselle Beiguelman, Leda Tenório da Motta, Letícia Passos Affini e Pelópidas Cypriano pela participação na banca e ensinamentos.

Aos professores doutores Christine Greiner, Nelson Brissac Peixoto e Norval Baitello Júnior pelos ensinamentos.

Às doutoras Cristiane Meri e Valdete Fialho pelo carinho, apoio e conselhos.

À Cida Bueno, meu anjo da guarda no programa, pela amizade e conselhos.

Aos colegas que tornaram esta jornada mais agradável com sua companhia.

Aos fotógrafos Leandro, Mauro, Patrícia, Ricardo, Robson, Victor e a todos que, gentilmente, cederam seus materiais fotográficos para análise.

À minha querida amiga e fotógrafa Ângela Pingo pelas longas conversas produtivas.

“Será felicidade, essa doce euforia que sinto
quando fotografo?”

Pedro Vasquez

Luciano Denardi Alarcon

O AMADOR E A FOTOGRAFIA

O papel da produção amadora no desenvolvimento fotográfico

RESUMO

Após os tempos áureos do movimento fotoclubista, o fotógrafo amador acabou relegado à categoria dos simples usuários de câmeras fotográficas. Porém, a história da fotografia nos mostra que esta é uma grande injustiça, pois a produção amadora sempre teve um papel fundamental no desenvolvimento da fotografia. Afinal, enquanto os fotógrafos profissionais produziam retratos em seus estúdios os amadores desenvolviam novas técnicas e linguagens. Esta dissertação tem como objetivo principal analisar até que ponto é possível diferenciar a produção profissional da amadora apenas comparando o resultado imagético obtido por cada uma delas. Através de entrevistas, realizadas entre 2006 e 2008, e análises da produção fotográfica de profissionais e amadores, percebemos que as categorias profissional e amadora se tornaram insuficientes para dar conta da profusão fotográfica gerada com as câmeras digitais e disseminada na Internet. Hoje, com a utilização dos equipamentos digitais, somos agentes e testemunhas da formação de um novo movimento fotoclubista na rede de computadores. Esta nova produção amadora merece um olhar atento, pois trouxe, à luz do conhecimento fotográfico, um público que simplesmente registrava momentos com suas câmeras. Sob a questão da unicidade da obra de arte levantada por Walter Benjamin e a comunicologia de Vilém Flusser, concluímos que o que faz a diferença no desenvolvimento do pensar e produzir fotográfico é a relação do fotógrafo com o equipamento. Já que, com câmeras cada vez mais intuitivas, produzir uma bela fotografia é fácil. Portanto hoje, ser fotógrafo é trabalhar mais com idéias do que técnicas.

Palavras-chave: Fotoclubismo – fotografia digital – Internet – produção amadora.

Luciano Denardi Alarcon

THE AMATEUR AND THE FOTOGGRAPHY

The importance of amateur production in the photographic developing

ABSTRACT

After the golden age of photography's club, the amateur photographer was demoted to the category of mere user of the photographic cameras. But the history of photography shows that this is a great injustice, because the amateur production always had a fundamental importance in the development of photography. After all, while a professional photographer was produced portraits in studios, the amateurs developed new techniques and languages. This dissertation main goal is to see what extent it is possible to differentiate the professional production of amateur production only comparing the imagnetic result obtained by each of them. Through interviews, conducted between 2006 and 2008, and analyzing the production of photographic professionals and amateurs, we noticed that the professional and amateur categories have become inadequate to handle the large imagnetic production generated from use with the photographic digital cameras and disseminated on the Internet. Today, with the use of digital equipments, we are active participants and witnesses of the formation of a new photography's club movement in the computer network. This new amateur production deserves a watchful eye, because brought in the light of knowledge photographic, a public that simply recorded moments with the cameras. Under the question of piece of art's unity proposal by Walter Benjamin and the communicology of Vilém Flusser, we come to the conclusion that what makes the difference in the development of thinking and producing photographic is the relationship of the photographer with the equipment. Since, with increasingly intuitive cameras, produce a beautiful photograph is easy. Therefore today, be a photographer is work more with ideas than with techniques.

Keywords: Amateur production – digital photography – Internet – photography's club.

SUMÁRIO

01	INTRODUÇÃO	
	No papel do amador	09
02	CATEGORIAS FOTOGRÁFICAS	
	Antes do amador e do profissional	15
03	O MEDO DO NOVO	
	A fotografia mais uma vez na berlinda	18
04	AFINAL, POR QUE FOTOGRAFAMOS TANTO?	
	O suporte digital fotográfico, Internet e os processos cognitivos	22
05	PRODUÇÃO FOTOGRÁFICA NO BRASIL	
	5.1 Alguns ilustres amadores	26
	5.2 Produção profissional	30
	5.3 Produção amadora	54
06	FLICKR E AFINS	
	Um novo movimento fotoclubista?	67
07	CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
08	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	73
	8.1 Artigos, jornais e revistas	74
	8.2 Internet	75

1 – INTRODUÇÃO

Como um amador

Durante as leituras feitas no início desta pesquisa, me deparei com um texto do poeta e crítico literário Charles Baudelaire que me inquietou e, de certa forma, me acompanharia até a conclusão.

No texto *O Público moderno e a fotografia*¹, apresentado no salão de Paris em 1859, Baudelaire afirma que somente os maus artistas se renderam à fotografia e esta seria uma arte menor. Veremos mais a frente que a fotografia novamente sofre este preconceito com a utilização dos equipamentos digitais e que, na verdade, a resistência não é com a fotografia e, sim, com as novas tecnologias.

Algumas décadas mais tarde, Walter Benjamin em seu ensaio sobre *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*² afirma que "mesmo na reprodução mais perfeita, um elemento está ausente: o aqui e agora da obra de arte, sua existência única [...] O aqui agora do original constitui o conteúdo de sua autenticidade, e nela se enraíza uma tradição que identifica esse objeto, até os nossos dias, como sendo aquele objeto, sempre igual e idêntico a si mesmo". Benjamin chama essa existência única de aura.

“Em suma, o que é aura? É uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja”.

Veremos que apesar da possibilidade da reprodução técnica, ao fotografar tentamos registrar algo único, resgatando, de certa forma, esta aura.

1 – Charles Baudelaire, *O Público Moderno e a Fotografia* em Salão de 1859, Poesia e Prosa.

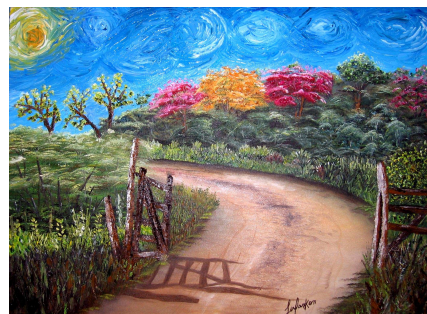
2 – Walter Benjamin, *Obras Escolhidas*, Brasiliense, São Paulo, 1994 – pp 167.

Apesar de já não fazer mais sentido a discussão sobre a fotografia ser ou não arte, não há como negar que a unicidade de uma obra lhe confere um novo valor, muitas vezes financeiro. Com o intuito de sair do campo das teorias e "sentir na pele" as palavras de Baudelaire, podendo assim, entender até que ponto suas palavras refletiam seu preconceito, resolvi me iniciar nas artes plásticas, mais precisamente, na pintura a óleo sobre tela e como primeira referência escolhi uma fotografia que produzi na minha adolescência durante uma viagem em família. Portanto, para mim, única, apesar de reproduzível.

Durante três meses, sob a orientação de professores, tive minha primeira experiência nas artes plásticas, registrando fotograficamente, semana a semana, todo o processo de produção. Após dez aulas que duraram, em média, 2 horas cada, finalizei minha tela – não tenho dúvida que um pintor com mais técnica e destreza, terminasse em menos tempo.



Bonito - MS, 1991 – Fotografia analógica.



Último Passeio em Família, 2007 - Óleo sobre tela.

Apesar de não concordar com Baudelaire, percebo que suas palavras fazem mais sentido para um pintor – deixo claro, que, apesar da nova experiência, não estou me colocando como um. Porém, seu discurso não era contra a fotografia e as câmeras fotográficas e, sim, contra o que achava que esta facilitação traria – uma automação na produção artística e, conseqüentemente, um empobrecimento no resultado.



12/02/2007



22/02/2007



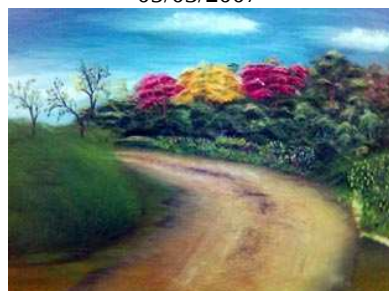
05/03/2007



08/03/2007



23/03/2007



26/03/2007



29/03/2007



02/04/2007



16/04/2007



19/04/2007

É indiscutível que a fotografia é muito mais acessível tecnicamente em relação à pintura. Pois, por mais que eu possa pincelar uma tela sem sequer ter o mínimo conhecimento técnico, dificilmente alcançarei o mesmo resultado obtido ao

usar uma câmera fotográfica pela primeira vez. Nem por isso, podemos dizer que a produção fotográfica seja menos rica ou importante.

O mais interessante foi vivenciar o preconceito do outro lado, pois muitos fotógrafos não entenderam o sentido desta experiência por acreditarem que a pintura está ultrapassada na era digital. Porém, o importante é fazermos uso dos suportes disponíveis para a criação imagética e não o contrário.

Deixando a pintura de lado e voltando ao nosso objeto principal, basta uma rápida navegada na Internet para encontrar uma série de sites dedicados à fotografia, com ótimos trabalhos realizados por um público que, até pouco tempo atrás, achava que para obter uma boa imagem deveria centralizar o assunto principal e enquadrá-lo inteiro na foto e que, no máximo da experimentação, registravam as viagens em família.

A facilidade de fotografar com câmeras cada vez mais baratas, de fácil manuseio, gerando imagens de boa qualidade e eliminando o custo de filmes e revelação – além da possibilidade de divulgar seus trabalhos em sites na Internet e até participar de concursos – está incentivando a experimentação de novos assuntos, planos e enquadramentos.

Muito se tem discutido, nestes mesmos sites, sobre a fotografia digital – ou melhor, o suporte digital fotográfico, já que o princípio da fotografia, o da câmara escura, continua o mesmo e o que mudou foi o suporte. No entanto, deve ficar claro que não é porque o princípio da fotografia continua o mesmo que a imagem digital não existe. A imagem digital é o resultado imagético obtido através de uma câmera digital ou até mesmo do “escaneamento”³ de uma fotografia ou alguma imagem impressa. Portanto, como já vimos, o processo fotográfico é o mesmo nas câmeras analógicas e nas digitais. O que muda é a forma de se fixar a imagem capturada – nas câmeras analógicas temos o filme, uma película plástica banhada em uma emulsão de grãos de prata, um composto fotossensível, e nas câmeras digitais, no lugar do filme, temos um sensor equipado com milhões de células fotossensíveis. Também é possível se colocar um sensor digital em uma câmera analógica – recurso muito

3 – Nota do autor: Processo criado na década de cinquenta, portanto, anterior à captura digital de imagens através de uma câmera fotográfica que se iniciou, na década de oitenta, com o sistema MAVICA.

muito utilizado por estúdios fotográficos voltados à fotografia publicitária – comprovando assim o que acabamos de afirmar.

Portanto, a fotografia é o ato, a ação de utilizar os equipamentos fotográficos para produzir uma imagem através da luz refletida, seja ela química ou digital. Afinal, hoje, através de programas de editoração gráfica, podemos criar uma imagem semelhante à fotografia sem sequer chegar perto de uma câmera fotográfica. Assim como é possível imprimir uma fotografia em uma tela de pintura.

Sendo assim, mais importante do que se chegar a um acordo sobre se a imagem vetorizada é fotografia, se a fotografia impressa e retocada numa tela é pintura ou qual delas tem um maior valor técnico ou artístico, devemos discutir as transformações na vida e nos processos cognitivos que os suportes de produção imagética – no nosso caso, a fotografia através de câmeras digitais – nos proporciona.

Após um normal estranhamento inicial, é fato que uma nova tecnologia traz facilidades às nossas vidas. Porém, qual é o limite entre a facilitação e o empobrecimento? O que facilita, por vezes, não nos faz pensar e nos leva à simples repetição. No entanto, no caso da fotografia digital, a facilitação não é técnica, já que a mudança foi no suporte e não no princípio do ato fotográfico e as câmeras compactas analógicas já tinham o mesmo grau de automação que as digitais compactas apresentam. Na verdade, a fotografia digital trouxe ao fotógrafo amador uma maior consciência acerca do processo fotográfico – mesmo que, para muitos, o princípio da caixa preta ou câmera escura ainda continue um mistério – já que com as câmeras analógicas automáticas o processo era obscuro, e o resultado uma magia. Hoje, as câmeras digitais compactas oferecem recursos que a maioria das compactas analógicas nunca

ofereceram. Portanto, através da experimentação, e guardada as devidas proporções, o fotógrafo amador ao utilizar uma câmera digital e manipular as imagens em seu computador, como o cientista, comprova suas experimentações e resultados empiricamente.

Até a forma de manusear a câmera mudou. Seja através de uma câmera fotográfica propriamente dita ou de algum outro dispositivo equipado com um sensor fotográfico. A câmera se descolou do observador. Afastamos o dispositivo fotográfico para ver a cena a ser capturada. Não vemos mais através do “viewfinder”, mas assistimos na tela de LCD – recurso já oferecido nas câmeras SLR voltadas ao mercado profissional – o que prova que a mudança na forma de olhar e fotografar impressa pelas compactas digitais já afetou o fotógrafo profissional.

Antes nos preparávamos para fotografar. Era necessário comprar o filme; sempre para uma ocasião especial. Dificilmente clicávamos alguma situação inusitada. Hoje, estamos sempre a postos para enquadrar e manipular uma cena através de nossas câmeras fotográficas digitais - e todos os outros dispositivos fotográficos que temos ao nosso alcance. Tanto que os veículos de jornalismo impresso perceberam este fenômeno e abriram espaço para este novo fotógrafo que está sempre pronto para registrar o que acontece a sua volta e já pode até fazer um curso sobre fotojornalismo comunitário nos Telecentros (espaços públicos providos de computadores com acesso à Internet). Assim, preparando-se para conseguir produzir imagens que possam ser absorvidas por esses veículos de informação.

O que discutiremos nos próximos capítulos é o que está acontecendo de fato nesta relação fotógrafo versus câmera fotográfica digital e se há fundamento no pensamento “baudelairiano” de parte dos fotógrafos profissionais em relação às câmeras compactas digitais e o resultado obtido com elas.

2 – CATEGORIAS FOTOGRÁFICAS

Antes do amador e do profissional

Antes de prosseguir, se faz necessária uma pausa para esclarecermos o uso de dois conceitos que estarão presentes em todo o texto – amador e profissional – e propor um terceiro que veremos a seguir.

Por uma questão de evolução lingüística, o entendimento que temos em relação a cada uma dessas duas palavras se modificou. Na raiz etimológica⁴, amador é aquele que faz por amor e profissional é aquele que recebe algum tipo de remuneração para realizar alguma atividade para a qual foi preparado. Poderíamos nos aprofundar na raiz de cada uma delas, mas, por hora, nos basta conhecer estes dois conceitos.

A evolução ou distorção no uso do conceito de amador se deve à sua relação com o conceito de profissional. Se profissional é aquele que foi preparado para realizar uma atividade e, portanto, possui conhecimento sobre o assunto e amador é aquele que simplesmente faz por amor, poderíamos concluir que, conseqüentemente, amador é aquele que, apesar de desempenhar uma função, não possui o conhecimento necessário para ser um profissional. Se resolvermos falar para um profissional que ele é um grande amador, dificilmente ele receberá isso como um elogio.

Vejamos então a questão do profissional e amador na fotografia. Todo mundo fotografa ou, pelo menos, poderia, já que não é necessário fazer um curso para apertar um botão. Por isso, dizemos: “ele é um fotógrafo profissional”, pois temos a categoria dos fotógrafos profissionais, aqueles que ganham a vida com a fotografia, e todas as outras

4 – Antônio Geraldo da Cunha, *Dicionário Etimológico*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1986.

pessoas que também fotografam e, portanto, também são fotógrafos. Porém, não-profissionais. Por outro lado, não dizemos: “ele é um médico profissional”, pois somente existem as categorias dos médicos e dos não-médicos, ou pacientes, quando falamos em medicina. Não podemos sair receitando remédios ou fazendo cirurgias sem ter cursado e concluído o curso de medicina. Porém, provavelmente, todo médico, pelo menos uma vez na vida, já deve ter fotografado. Então, podemos dizer que nem todas as profissões têm a categoria amadora, somente àquelas que não necessitam de um registro ou capacitação adquirida em uma instituição de ensino. Só isso, já seria objeto para uma pesquisa, mas ficaremos na discussão desta classificação na atividade fotográfica.

Já que temos a categoria dos fotógrafos profissionais – que recebem para fotografar – e a categoria dos fotógrafos amadores – que fotografam apenas por prazer, poderíamos dizer que toda produção fotográfica não remunerada é uma produção amadora. Porém, com esta classificação geramos um grande problema, colocando toda produção não remunerada na mesma categoria. Isto é, toda a história do fotoclubismo⁵, tão importante para o desenvolvimento fotográfico, está na mesma categoria das pessoas que, simplesmente, possuem uma câmera para registrar os acontecimentos de suas vidas. Portanto, na fotografia temos uma categoria anterior ao amador e profissional. A categoria daqueles que simplesmente utilizam seus equipamentos fotográficos para registrar um momento ou, como diria Flusser⁶, serem utilizados por eles. Chamaremos esta terceira categoria de autômata⁷. Afinal, apesar da finalidade desta produção ser a de um simples registro de um

5 – Nota do autor: Atividade desenvolvida nos fotoclubes. Associações, geralmente sem fins lucrativos, criadas com a finalidade de agrupar fotógrafos amadores e profissionais em torno de discussões teóricas sobre a fotografia e saídas em grupo para produção fotográfica.

6 – Vilém Flusser, *Filosofia da Caixa Preta*, Relume Dumará, Rio de Janeiro, 2002.

7 – Feminino de autômato. (Do gr. Automaton, que se move por si mesmo.) Máquina que imita o movimento de um corpo animado; robô; fantoche. Fig. Pessoa que não pensa nem age por si mesma, mas como máquina, sem raciocínio.

acontecimento, não podemos chamá-la de documental, pois estaríamos colocando a fotografia jornalística no mesmo patamar.

Veremos adiante, através da análise da produção de seis fotógrafos profissionais das áreas científica, jornalística, publicitária, pericial e social, que estas categorias não são absolutas, por hora se confundem e que mesmo os profissionais circulam por, pelo menos, duas delas.

3 – O MEDO DO NOVO

A Fotografia Mais Uma Vez na Berlinda

Como já vimos, toda nova tecnologia sempre causou um misto de curiosidade e medo. Podemos afirmar que boa parte deste medo do novo é herança das profundas transformações causadas pela Revolução Industrial no século XVIII e que deixou, como seu pior legado, a instituição do desemprego e, conseqüentemente, a aversão às máquinas e a ameaça que elas representam à mão-de-obra humana. Por outro lado, sem deixar de dar a devida importância às implicações psicológicas e o medo do desconhecido, é a curiosidade inerente à raça humana que nos faz vencer essas barreiras culturais, históricas e antropológicas para ir de encontro a essas novas tecnologias.

O jornalista Pedro Dória, em sua coluna *Navegar Impreciso*⁸, classifica as pessoas entre reacionários e progressistas para explicar o medo do novo e a curiosidade.

“Embora tenhamos por hábito dividir as pessoas politicamente entre a esquerda e a direita, existe uma classificação mais útil: entre reacionários e progressistas. Um reage às mudanças; o outro as acolhe. O que difere um do outro é o medo do novo, do diferente. Nos momentos da história em que as inovações ficam particularmente intensas, os reacionários mostram suas garras - mas às vezes não é óbvio percebê-los”.

Marshall McLuhan⁹ disse que, quando a tecnologia muda, o homem muda. A verdade é que nem sempre estamos preparados para estas mudanças e muitas vezes nosso lado reacionário sobrepõe a curiosidade.

8 – Pedro Dória, *Reacionários e Progressistas* em *Navegar Impreciso*, 13/03/2006 – O Estado de S.Paulo.

9 – McLuhan por McLuhan. *Entrevistas e conferências inéditas*, Ediouro, Rio de Janeiro, 2005.

Com a fotografia não poderia ter sido diferente. Desde a sua invenção, na primeira metade do século XIX, foi duramente criticada pelos artistas da época. Entre eles, como já vimos, o poeta e crítico literário Charles Baudelaire, foi um dos mais ferrenhos críticos à nova tecnologia e critica não só a fotografia, mas também a burguesia que se rendeu à invenção e os artistas que resolveram fazer uso do equipamento. Muitos, segundo ele, dotados de talento para as artes.

“Procurar surpreender mediante elementos de surpresa estranhos à arte em questão é o grande recurso dos que não são pintores por natureza. Algumas vezes até, sempre na França, esse vício se apodera de homens não desprovidos de talento e que assim o desonram por uma mistura adúltera”.

Porém, sua preocupação não residia na falta de trabalho para os pintores da época e sim na banalização da arte. Pois, influenciados pela fotografia, os artistas estariam cada vez mais inclinados a pintar o que viam e não o que sonhavam.

“Como a indústria fotográfica era o refúgio de todos os pintores fracassados, sem talento ou demasiado preguiçosos para concluírem seus esboços, essa mania coletiva possuía não só o caráter de cegueira e imbecilidade, mas assumia também o gosto de uma vingança”.

Com o passar do tempo, Baudelaire se rendeu à fotografia, não porque tenha aceitado ou se acostumado às mudanças por ela impressas na arte e sim por ter encontrado um pouco de proximidade à pintura, segundo ele, nas fotografias retocadas já que, a partir da interferência do pincel na fotografia, ela perderia seu caráter reproduzível e se tornaria uma peça única, como uma tela.

Depois de tantas críticas feitas ao invento, Baudelaire acabou se deixando fotografar pelos irmãos Nadar, donos de um dos mais famosos estúdios de fotografias na França – na época, os equipamentos fotográficos eram muito caros e as fotografias eram produzidas por grandes estúdios para a burguesia local – e encomendando um retrato, retocado, obviamente, de sua mãe.



Baudelaire, Estúdio Nadar - 1855

O medo do novo é cíclico e assim as palavras proferidas por Baudelaire em 1859 se fazem atuais nas rodas de discussões sobre a fotografia digital e poderiam sair da pena, ou melhor, do teclado de qualquer crítico fotográfico. Porém, devemos tomar cuidado para que nosso lado reacionário não sobreponha a curiosidade e condenemos o suporte digital fotográfico sem antes conhecê-lo de verdade.

O filósofo Vilém Flusser, no livro *A Filosofia da Caixa Preta*¹⁰, discute a facilitação na produção fotográfica através de equipamentos cada vez mais simples e acessíveis¹¹.

“De modo geral, todo mundo possui um aparelho fotográfico e fotografa, assim como, praticamente, todo mundo está alfabetizado e produz textos. Quem sabe escrever, sabe ler; logo, quem sabe fotografar saber decifrar fotografias. Engano. Para captarmos a razão pela qual quem fotografa pode ser analfabeto fotográfico, é preciso considerar a democratização do ato fotográfico. Tal consideração poderá contribuir, de passagem, à nossa compreensão da democracia em seu sentido mais amplo[...]

10 – Vilém Flusser, *Filosofia da Caixa Preta*, Relume Dumará, Rio de Janeiro, 2002 – pp 53.

11 – Nota do autor: Da mesma forma que o horizonte de Flusser era o computador, podemos aplicar nossa discussão a outros aparelhos de produção imagética, como as câmeras de vídeo.

Uma vez adquirido, o aparelho fotográfico vai se revelar um brinquedo curioso. Embora repouse sobre teorias científicas complexas e sobre técnicas sofisticadas, é muito fácil manipulá-lo. O aparelho propõe jogo estruturalmente complexo, mas funcionalmente simples. Jogo oposto ao xadrez, que é estruturalmente simples, mas funcionalmente complexo: é fácil aprender suas regras, mas difícil jogá-lo bem. Quem possui aparelho fotográfico de último modelo pode fotografar bem sem saber o que se passa no interior do aparelho. *Caixa preta* [...]

Quem escreve precisa dominar as regras da gramática e ortografia. Fotógrafo amador apenas obedece a *modos de usar*, cada vez mais simples, inscritos ao lado externo do aparelho”.

Levando em conta que o texto foi publicado pela primeira vez em 1983, período em que os japoneses apresentavam a primeira câmera fotográfica digital e sequer se imaginava o surgimento da Internet como conhecemos hoje – apesar de não podermos, pura e simplesmente, refutar as afirmações de Flusser – devemos imaginar que o autor faria modificações em seu texto já que, apesar do princípio fotográfico continuar o mesmo, a relação com a fotografia e, portanto, com a imagem, mudou bastante. Pois, apesar do aparelho fotográfico ainda ser de fácil manuseio, como cita Flusser, com os equipamentos digitais, indiscutivelmente, o usuário amador dos suportes digitais fotográficos passou a ter um maior controle sobre todo o processo e não podemos mais chamá-lo de “analfabeto fotográfico” mesmo que ainda não conheça totalmente o processo fotográfico. Afinal, você dirige sem causar acidentes – espero – mesmo não conhecendo toda a mecânica de um automóvel.

4 – AFINAL, POR QUE FOTOGRAFAMOS TANTO?

O suporte digital fotográfico, Internet e os processos cognitivos

Por que nunca se fotografou tanto, como nos últimos anos, e é cada vez maior o número de pessoas com razoável nível de conhecimento sobre a fotografia e a composição fotográfica? O que o suporte digital fotográfico tem a ver com essa mudança no comportamento do fotógrafo amador?

Sem dúvida, podemos citar a economia na produção fotográfica com a exclusão dos filmes e a não necessidade imediata da ampliação. Porém, essa não é a única razão já que outros gastos foram gerados. Hoje, se não quisermos, não precisamos gastar mais com revelações e ampliações, mas devemos ter, pelo menos, um computador para arquivar e manusear as imagens digitais. Portanto, com as câmeras digitais a fotografia não ficou mais barata; ficou mais simples, já que podemos conferir o resultado na hora.

A câmera fotográfica é um aparelho. Todo aparelho, segundo Flusser, é um brinquedo que simula um tipo de pensamento. Portanto, a câmera fotográfica é um brinquedo que traduz pensamentos em fotografias e o ato de fotografar é uma brincadeira onde transformamos pensamentos e idéias em imagens. Se ao fotografar, mais do que brincar com imagens, brincamos com idéias, por que então, não adquiriríamos conhecimento através do ato fotográfico e podemos ser considerados analfabetos fotográficos ou imagéticos? Como já discutimos, qualquer um pode fotografar, mesmo que não tenha nenhum conhecimento acerca do princípio fotográfico. Ao explorar o aparelho fotográfico tentamos realizar e esgotar suas potencialidades e acreditamos ter controle sobre o resultado quando, na verdade, não

conseguimos fazer mais do que o aparelho está programado a fazer. Flusser diz que apesar do número de potencialidades do aparelho fotográfico ser grande ele é limitado¹².

“As fotografias são realizações de algumas das potencialidades inscritas no aparelho. O número de potencialidades é grande, mas limitado: é a soma de todas as fotografias fotografáveis por este aparelho. A cada fotografia realizada, diminui o número de potencialidades, aumentando o número de realizações: o programa vai se esgotando e o universo fotográfico vai se realizando. O fotógrafo age em prol do esgotamento do programa e em prol da realização do universo fotográfico. Já que o programa é muito “rico”, o fotógrafo se esforça por descobrir potencialidades ignoradas. O fotógrafo manipula o aparelho, apalpa-o, olha para dentro e através dele, a fim de descobrir sempre novas potencialidades. Seu interesse está concentrado no aparelho e o mundo lá fora só interessa em função do programa”.

Porém, cada vez mais, o aparelho fotográfico não é mais apenas um aparelho fotográfico e suas potencialidades se confundem com as de outros aparelhos. Um celular não é uma câmera fotográfica, mas pode possuir um dispositivo fotográfico acoplado a ela confundindo e multiplicando funcionalidades, e através de câmeras fotográficas digitais podemos até produzir e editar vídeos. Essas funcionalidades, cada vez mais ampliadas, levam a um processo contínuo de produção imagética e, através da experimentação, produção de conhecimento imagético.

12 – Vilém Flusser, *Filosofia da Caixa Preta*, Relume Dumará, Rio de Janeiro, 2002 – pp 23.

Se acreditarmos que a memória seja somente uma soma de informações acumuladas como uma *tábula rasa*¹³, bastaria ver alguns livros de fotografia para aumentar seu repertório acerca da composição fotográfica e ler o manual do equipamento fotográfico a ser utilizado para ser tornar um bom fotógrafo, certo? Portanto, por que isso não aconteceu com todas as pessoas que tiveram o simples contato com um equipamento fotográfico e o mínimo necessário de teoria fotográfica desde a invenção da fotografia em 1839? Justamente porque a memória não é uma gaveta ou um hard disk onde guardamos as informações a que somos submetidos.

Contrariando o “pessimismo” de Flusser quanto à relação homem X aparelho fotográfico, as ciências cognitivas, quando afirmam que o aprendizado está no processo e não no acúmulo de informações, explicam porque o usuário amador dos suportes digitais fotográficos está adquirindo conhecimento ao fazer uso do aparelho e o resultado dessas experimentações publicadas em sites como o Flickr¹⁴ e Olhares¹⁵ corroboram.

É certo que, em algumas situações, a facilitação pode levar ao empobrecimento já que para chegar ao resultado final pulamos etapas do processo, bastando, muitas vezes, se apertar um botão para conseguir o resultado desejado. Porém, com a utilização do suporte digital fotográfico o resultado obtido através dessa facilitação é justamente o inverso. O que, a priori, poderia levar a um empobrecimento da produção fotográfica e do conhecimento, como muitos temiam – e, infelizmente, muitos ainda temem, se deu ao contrário. Por conta, não somente das câmeras fotográficas digitais, mas do que podemos chamar de seus aparatos de crítica, aprendizado e disseminação da imagem fotográfica – ou seja, a Internet com todos os sites, blogs e flogs dedicados à fotografia.

13 – Steven Pinker, *Tabula Rasa*, Cia das Letras, São Paulo, 2004 – pp 23.

14 – <http://www.flickr.com>

15 – <http://www.olhares.aeiou.pt>

Sem dúvida toda essa transformação no pensar a imagem não é mérito somente das câmeras fotográficas digitais, mas, sim, em boa parte, da Internet e suas funcionalidades interativas¹⁶. Giselle Beiguelman, em seu livro *Link-se*, explica o sucesso da Internet e dos blogs através de suas funcionalidades interativas.

“São as funcionalidades interativas que permitem comentar o escrito, pelo autor de um determinado blog, e a produção de ferramentas eficientes, que dispensam conhecimentos de programação, somadas ao marketing do grátis e diretamente disponível para o mundo os ingredientes dessa receita de sucesso”.

Em sites como o Flickr é possível publicar, ou melhor, fazer o upload de suas fotos, mesmo não sendo um fotógrafo profissional, e receber classificações e comentários sobre suas fotografias que estarão lado-a-lado com imagens de profissionais que também fazem uso do espaço.

É fascinante e praticamente inexplorada ou, pelos menos, mal explorada a experimentação que os aparatos fotográficos digitais estão proporcionando ao fotógrafo amador que segue fotografando tudo e todos de todas as formas sem saber que através da experimentação, mesmo que não almeje uma carreira como profissional, está aumentando seu conhecimento acerca da imagem e confirmando que a cognição está no processo, está na ação e não no armazenamento de informação. Porém, devemos nos manter atentos em nossas relações com os aparelhos para não nos tornamos simples operadores ou funcionários. Assim, sairemos da condição de fotógrafos autômatos e passaremos a produzir como amadores.

16 – Giselle Beiguelman, *Link-se*, Peirópolis, São Paulo, 2005 – pp 71.

5 - PRODUÇÃO FOTOGRÁFICA NO BRASIL

5.1 - Alguns ilustres amadores

Alguns dos grandes fotógrafos brasileiros chegaram à fotografia por acaso e antes de se tornarem profissionais a utilizaram como suporte para outras atividades. Entre elas, as belas artes. Porém, assim como no processo químico que a originou, revela novos entusiastas e amadores apaixonados.

Mario Cravo Neto é um bom exemplo desta descoberta individual da fotografia. Filho do escultor Mario Cravo Júnior, aos 17 anos ganhou o Prêmio de Escultura da I Bienal de Artes Plásticas da Bahia, e encontrou na fotografia e no vídeo novas possibilidades para seu trabalho artístico.

“Essas experiências pertencem ao meu desenvolvimento como artista plástico. São minha extensão, os tentáculos que ajudam a me relacionar com o meio ambiente, comigo mesmo e com o futuro”¹⁷.



Silence – 1992.

Hoje, Cravo Neto é muito mais lembrado e requisitado como fotógrafo do que como escultor, expondo seus trabalhos em grandes galerias e museus por todo o mundo.



Saturno – 1992.

“A fotografia é como uma cicatriz no corpo, às vezes intrigante porque plasma o momento da ação. Por vezes direta e intencional, às vezes acidental e ocasional; por serem diversas em seus significados, são marcas que contam mentiras diferentes. A sua função é como a de toda grande arte – unir os homens, aproximá-los de uma idéia

17 – Simonetta Persichetti, *Imagens da fotografia brasileira I*, Senac, São Paulo, 2000 – pps 14 a 17.

comum. É como a poesia, a mais gestual das manifestações criadoras. Contém em si o sinal da cruz – o elo de criação entre o céu e o inferno”.

Já, **Sebastião Salgado**, trocou a calculadora por uma câmera fotográfica quando, ainda economista, com doutorado na França, trabalhava para a Organização Internacional do Café, em Londres, e foi coordenar um projeto sobre a cultura do café em Angola. Por lá, Sebastião fez muito mais. Descobriu sua paixão pela fotografia e pelo ser humano ao retratar a população local.

“As pessoas ainda não se dão conta da potência da imagem[...] Finalmente descobrimos a linguagem universal, que é a imagem. A imagem que faço aqui no Brasil, ela vai ser difundida em dez, doze países, sem uma linha de tradução[...] Você não precisa nem ser alfabetizado. Eu acho que qualquer pessoa que vê uma imagem, lê a imagem. Você não depende de jeito nenhum do seu nível de sofisticação teórica. Você lê em função da sua vida dentro do âmbito social. Por exemplo, eu tenho um filho com Síndrome de Down, ele não é alfabetizado ainda, mas lê as fotografias muito bem. Ele reconhece os estilos”¹⁸.



Refugiados de Ruanda no Zaire – 1994.



Mina de Ouro, Serra Pelada – 1986.

Sua imagem está tão ligada à fotografia documental e jornalística que muitos acreditam que ele sempre trabalhou em redações de jornais.

“[...] isso é fabuloso, que naquele 1/250 de segundo você tenha um produto final. É uma forma tão poderosa de comunicação que alguns críticos têm a tendência de considerar uma obra criativa somente quando você ficou três, seis meses para realizar”.

18 – Simonetta Persichetti, *Imagens da fotografia brasileira I*, Senac, São Paulo, 2000 – pps 78 a 87.

Renata Castello Branco sonhava em ser arqueóloga, mas acabou encantando-se pela fotografia. Começou no fotojornalismo e recebeu duas vezes o Prêmio Abril de Jornalismo, em 1989 e 1990, mas acabou migrando para a publicidade. Já fotografou para grandes bancos e campanhas do Governo Federal e Prefeituras.

“Paralelamente ao meu trabalho como profissional, venho me interessando cada vez mais pelas artes plásticas. [...] estou pintando. Estou experimentando a mistura das linguagens.”¹⁹.



A Rota da Seda – 1993.

Sua formação como historiadora a influencia em suas produções paralelas. Renata tem se aprofundado na história da arte para desenvolver novos projetos. Entre eles, *Silêncio*, um ensaio composto por dezenove imagens que produziu durante uma viagem à China e ampliou na seda.

“É fundamental ter conhecimento da história da arte para fazer um melhor trabalho fotográfico. No início, a busca era teórica, em seguida percebi que podia juntar as duas linguagens. Por estar sempre ligada à publicidade, achava que minha visão estava ficando unilateral. Senti necessidade de abrir, de ampliar, de trabalhar com meu outro lado do cérebro. [...] quando vi, estava pintando telas enormes e estava completamente envolvida com pincéis e tintas. Mas o curioso dessa história é que a base das minhas pinturas sempre era uma fotografia. Ela era sempre o ponto de partida. E as relações que ia criando entre o pincel e a fotografia sempre partiam da foto. [...] Agora, abandonei os pincéis e percebi que podia pintar com a própria fotografia. Quero trabalhar os limites entre as duas linguagens”.

19 – Simonetta Persichetti, *Imagens da fotografia brasileira I*, Senac, São Paulo, 2000 – pps 94 a 102.

O ex-economista **Carlos Moreira** constrói através de suas andanças pela cidade de São Paulo o perfil da sociedade metropolitana.

“Na realidade, o que procuro é uma combinação do ser humano com o seu ambiente. O que me chama a atenção é a fotografia que acontece ali na sua frente, independentemente da gente. [...] Eu não procuro as fotos, elas é que me procuram”²⁰.



Rua São Luiz – Anos 70.

Professor de fotografia, Carlos acompanha e registra, através da objetiva de sua câmera, há mais de quarenta anos as transformações ocorridas na cidade e com o povo de São Paulo.

“Tenho uma relação com a cidade desde a minha adolescência, gosto do centro de São Paulo. Cabulava aula para andar pela cidade. Gostava de ficar observando esse vai-vém das pessoas. Mais tarde, com a câmera fotográfica, passei a registrar as pessoas que vivem no anonimato. [...] Comecei a fotografar em 1964 e a primeira vez que senti uma mudança foi em 1976. Lembro bem da foto: um senhor de meia-idade lendo um jornal numa banca da cidade. Havia tristeza e desesperança naquela pessoa. Foi a primeira vez que senti isso na cidade”.

Nesta pequena amostra de entrevistas realizadas por Simonetta Persichetti para o Caderno 2 do jornal O Estado de S.Paulo e reunidas nos livros *Imagens da fotografia brasileira I e II* é possível perceber a importância da relação do fotógrafo com o equipamento e o objeto a ser fotografado. Cada um, a sua maneira, trabalha a fotografia de formas diferentes. Uns mais preocupados em produzir o ambiente e experimentar novas técnicas, outros em registrar o cotidiano sem interferir no dia-a-dia resgatando histórias. Porém, todos igualmente amadores enquanto profissionais.

20 – Simonetta Persichetti, *Imagens da fotografia brasileira I*, Senac, São Paulo, 2000 – pps 164 a 171.

5.2 – Produção profissional

Seis profissionais das áreas científica, jornalística, pericial, publicitária e social nos mostram através de suas produções e depoimentos que ser fotógrafo, muito mais do que produzir um “fotão”²¹, é ter controle sobre o equipamento e conhecimento acerca de técnicas e conceitos.

Apesar do declínio do movimento fotoclubista, seu modelo de atuação – com saídas fotográficas e discussões sobre o tema – permanece vivo no trabalho de boa parte dos profissionais de fotografia que continuam desenvolvendo trabalhos paralelos e discutindo a fotografia com colegas, mesmo que não seja de uma forma organizada. Alguns chegam a agendar saídas para fotografarem a cidade e encontros para testarem novos equipamentos e através da experimentação de trabalhos diversos à atuação profissional, abrem novos horizontes. Pois, podem ir além das encomendas. Porém, mesmo como profissionais, têm seus momentos como usuários, quando fotografam com o simples intuito de registrarem um acontecimento. A diferenciação no resultado é visível quando comparamos a produção de um profissional às três categorias propostas nos primeiros capítulos: produção profissional, amadora e autômata.



Produção Profissional



Produção amadora



Produção autômata

21 – Nota do autor: Jargão fotográfico para designar uma bela imagem, não necessariamente, bem produzida.

Leandro Viola, 37 anos, fotografia social.

Durante um tempo, Leandro Bento Viola fez realidade um sonho de criança. Ele sonhava ser um atleta. Formou-se em Educação Física e durante onze anos trabalhou como instrutor de rafting, esporte que pratica até hoje. Porém, a mesma atividade que o desiludiu, acabou o aproximando da fotografia.

“Na empresa em que trabalhava, havia um fotógrafo que fazia fotos das descidas e as vendia para os clientes, o qual tinha contato diariamente e me passava técnicas de fotografia e vez ou outra me deixava fazer algumas fotos[...] Depois de duas temporadas de rafting na Espanha e desiludido com a vida de professor de academias, resolvi fazer um curso profissionalizante de fotografia e trabalhar com fotos esportivas. Enquanto fazia o curso, apareceu a oportunidade de cobrir um evento corporativo e, lá fui eu, sozinho com a cara e a coragem, fiz o evento, o cliente gostou, e deste surgiram outros”.



Apesar de já ter fotografado com analógicas, Leandro é da geração que começou a trabalhar profissionalmente com câmeras digitais.

“...a fotografia deu uma banalizada, uma certa prostituída no que diz respeito ao profissionalismo, pois, já cheguei a ver pessoas cobrindo um evento com uma Cybershot (modelo compacto da Sony). Há também casos de pessoas que nunca fizeram um curso de fotografia, mas entendem de software de tratamento de imagem e, entram no mercado se dizendo fotógrafos e cobrando um valor que é muito inferior ao mercado, o que gera um leilão de preços e a desqualificação da profissão”.

Produção profissional



Folha Top of Mind - 2008

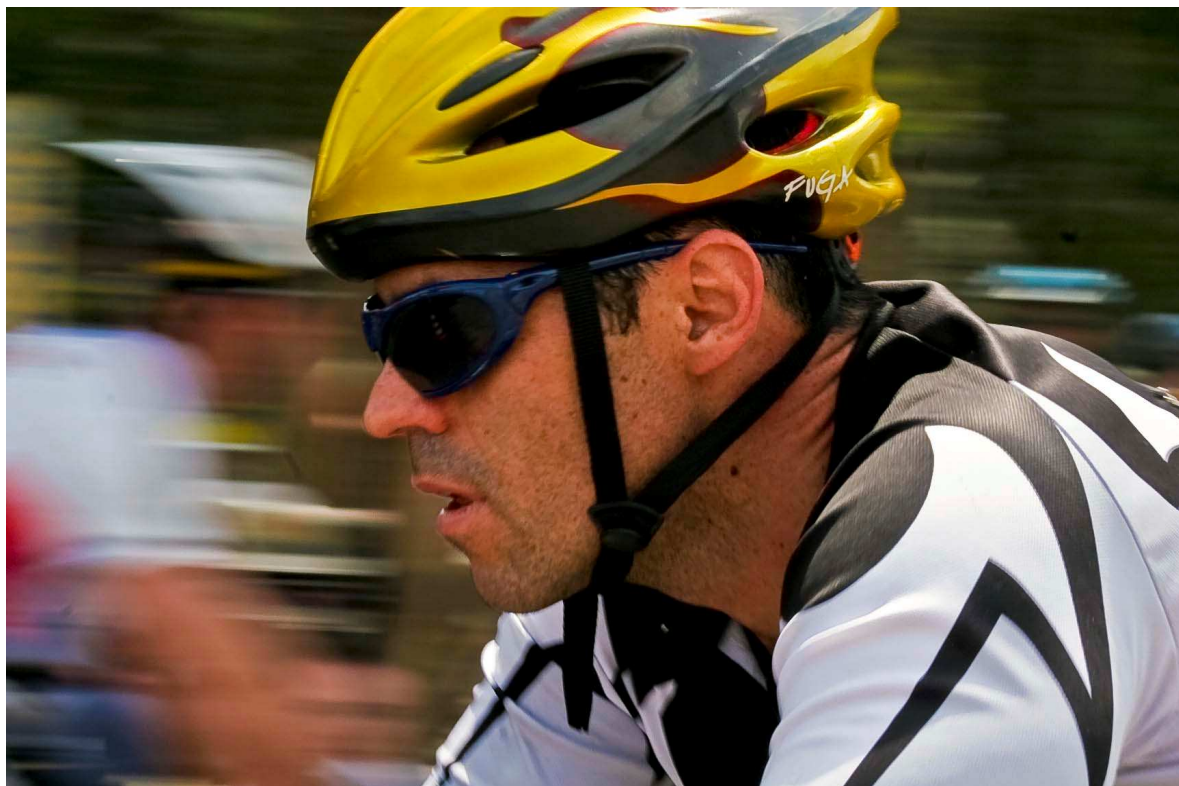


Quizz Allianz - 2008



Posse da nova diretoria da ANBID - 2008

Produção amadora



Corrida de aventura em Campos do Jordão - 2006



Passista – 2007



Rafting em Socorro – 2007

Produção autômata



Evento familiar - 2006



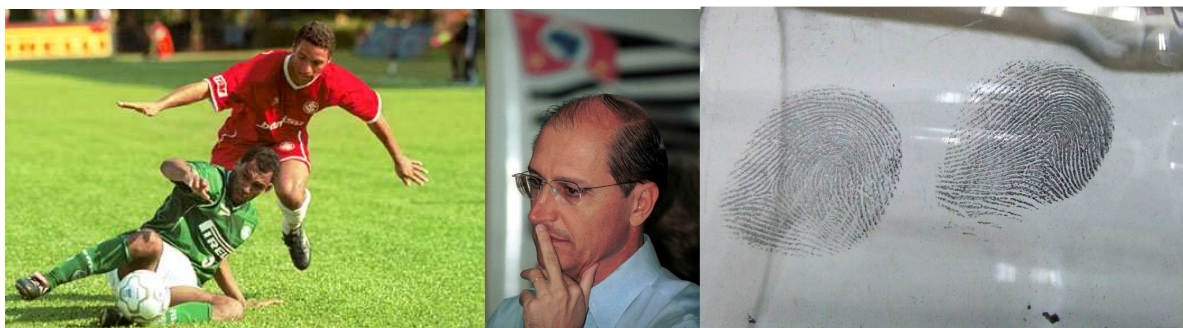
Evento familiar - 2006

Mauro Magalhães, 46 anos, fotografia pericial.

Mauro Alberto Pereira de Magalhães teve seu primeiro contato com a fotografia durante um curso que fez no grêmio da Escola Politécnica da USP.

“Conforme eu fui aprimorando meus conhecimentos, mais fui me apaixonando pela fotografia. Então, comecei a investir em equipamento profissional, montando meu portfólio e oferecendo meus serviços”.

Iniciou sua carreira como fotógrafo social, fazendo a cobertura de eventos; e também já trabalhou com fotojornalismo. Porém, hoje concursado, atua como fotógrafo pericial da Polícia Civil.



Mauro acredita que a Internet é um canal de comunicação indispensável para o fotógrafo.

“Eu acho que tudo vale a pena (sobre a profusão fotográfica em sites como o Flickr), fica por nossa conta filtrar os assuntos que realmente tem conteúdo e absorver algum conhecimento de tudo isso”.

Produção profissional



Perícia – Vargem Grande Paulista, SP – 2008



Perícia – Taboão da Serra, SP- 2008



Perícia – Taboão da Serra, SP – 2008

Produção amadora



Projeto pessoal – São Paulo, SP – 1998



Projeto pessoal – São Paulo, SP – 2006



Projeto pessoal – São Paulo, SP – 2007

Produção autômata



Evento familiar - 2005



Evento familiar - 2007

Patrícia Milanez, 39 anos, fotografia científica.

Filha e irmã de pesquisadores, era natural que o sonho de criança de Patrícia Cristina Milanez fosse o de ser uma detetive ou cientista. Pensava em fazer química, mas por problemas de saúde, foi desaconselhada. Acabou escolhendo a fotografia, mas não deixou a ciência de lado e hoje trabalha com fotografia científica na Universidade Federal de São Paulo, a UNIFESP.



Patrícia acredita que as câmeras digitais trouxeram uma nova maneira de fotografar e que, apesar de muitos se acharem fotógrafos somente por conseguirem tirar boas fotos com uma compacta, o que importa é o olhar.

“Hoje em dia muitos se acham fotógrafos já que as novas câmeras digitais fazem boas fotos. E o Photoshop parece resolver tudo... Mas esse problema sempre foi enfrentado pelos fotógrafos analógicos também. A fotografia nasceu como hobby, então isso deu margem para muita gente não entender a diferença entre hobby e profissão. Mas as diferenças são sempre percebidas por olhos mais atentos. Mas também acredito que uma boa foto possa vir de qualquer modo de registro, até mesmo de um celular. Quem faz a foto é o fotógrafo e não a câmera”.

Produção profissional



Dissecação de uma tartaruga – 1994



Estudo do casco de tartarugas para a definição da idade do animal – 1994

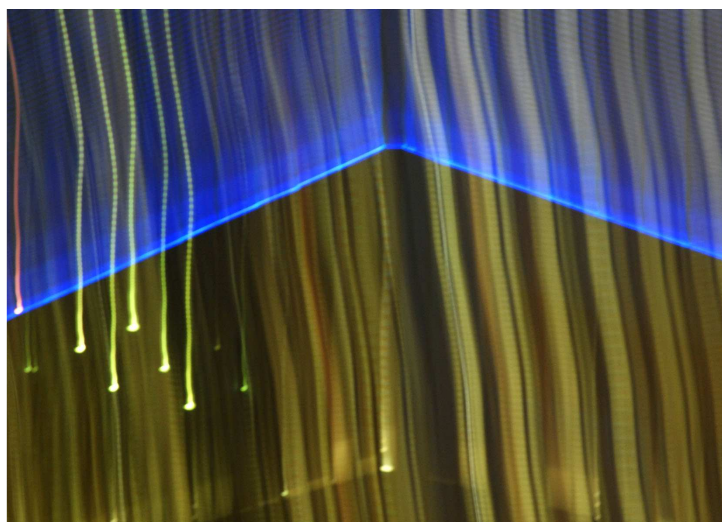
Produção amadora



Alunos do curso de Comunicação Digital - 2008



Macrofotografia - 2008



Light Painting – 2008

Produção automática



Evento familiar – 2006



Professor e aluna – 2005



Passeio com amigos – 2007

Ricardo K, 39 anos, fotografia publicitária e de moda.

Ricardo Keuchgerian iniciou-se profissionalmente na fotografia em 1996, como assistente de fotógrafos de moda. Hoje, doze anos mais tarde, com seu estúdio montado, dedica-se à fotografia publicitária e de moda.



Acredita que a profusão da produção fotográfica com câmeras digitais compactas na Internet nos possibilita conhecer novos olhares, mas devemos ter cuidado ao fazer esta análise e diferenciar as produções. Ele próprio, em ocasiões sociais, faz uso de uma compacta.

Como boa parte dos profissionais, gosta de desenvolver projetos fotográficos paralelos que, segundo ele, tem a finalidade de descongestionar o olhar já que há a possibilidade de ir além da encomenda.

Produção profissional



Editorial para a revista do Shopping D.Pedro – Campinas, SP – 2007



Ensaio para o site Vírgula Girl – 2007



Editorial para a revista Estética Brasil – 2007

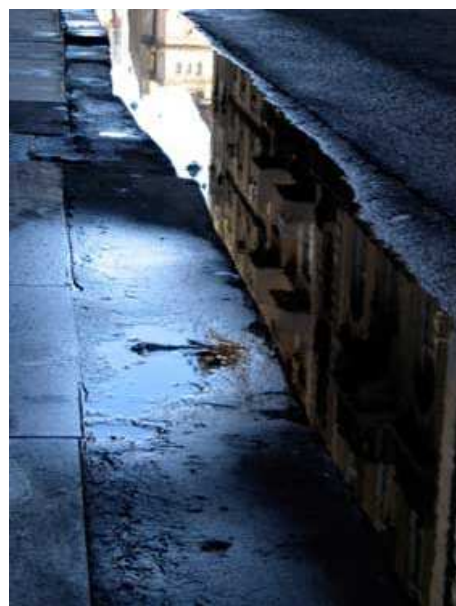
Produção amadora



Centro velho - Parati, RJ – 2006



Parati, RJ – 2006



Poça d'água – São Paulo, SP – 2007

Produção autômata



Viagem em família – Argentina, Buenos Aires – 2006



Viagem em família – Argentina, Buenos Aires – 2006

Robson Ventura, 33 anos, fotografia jornalística.

Quando entrou no grupo Folha, em 1994, como office-boy, Robson da Silva Gomes não pensava em trabalhar como fotógrafo. Começou a se interessar pela fotografia observando os repórteres fotográficos e após comprar uma câmera reflex, em 1999, pediu ao editor de fotografia para “acompanhar os fotógrafos durante suas pautas com o intuito de aprender na prática a técnica do fotojornalismo”. Em 2001, após ter publicado vários trabalhos, foi convidado a fazer parte do quadro de fotógrafos do jornal Agora SP.



Agora pretende realizar um trabalho fotográfico sobre a religiosidade do povo brasileiro, pois acha importante para o fotojornalista desenvolver projetos paralelos para “quebrar o vício do olhar de quem só faz fotos jornalísticas”.

Robson acredita que, apesar de ter trazido agilidade ao fotojornalismo, as digitais dão a ilusão de qualquer um pode ser um fotógrafo.

“As pessoas não podem se vestir de branco e falarem que são médicos, tão pouco sujarem-se de graxa e se tornar mecânicos, mas podem comprar uma câmera e dizer que são “Fotógrafos”. No atual mundo digital, somente vemos aquilo que o fotografo quer nos mostrar, diferentemente da fotografia analógica, onde se tinha o negativo que nos mostrava todos os acertos e erros, onde não podíamos apagar e refazer. Mas temos que acompanhar a evolução ou seremos devorados por ela, e acho que toda esta produção fotográfica é válida...”

Produção profissional



Parentes protestam na Avenida Paulista contra o acidente na plataforma P36 da Petrobras - 2001



Passado um ano, parentes prestam homenagem às vítimas do acidente da TAM - 2008



Enterro dos irmãos Josenildo e Francisco, encontrados mortos na Serra da Cantareira - 2007



Ruínas do Forte – Morro de São Paulo, Bahia – 2007



Serrinha, Pernambuco – 2007



Ruínas do Forte – Morro de São Paulo, Bahia – 2007

Produção autômata



Evento familiar – 2007



Passeio com esposa – Bertioga, São Paulo – 2006

Victor Almeida, 34 anos, fotografia publicitária.

Victor Almeida não fotografa em ocasiões sociais e não utiliza câmeras compactas, pois gosta de ter total controle sobre as funções e recursos da câmera.

“Prefiro pensar para executar uma foto [...] caso eu não tenha controle de algo na fotografia, não sinto ela como minha foto [...] os momentos de lazer prefiro observar e pensar em conceitos ao invés de fotografá-los para simples recordações”.

O garoto que sonhava ser padre quando criança, hoje, dedica-se à fotografia publicitária e a editoriais para grandes publicações.



Victor se considera um purista e faz uso do Photoshop apenas para pequenos ajustes. Ele crê que, apesar da agilidade, a fotografia digital “prostituiu” o mercado obrigando o profissional a trocar de equipamento com maior frequência.

“...minhas fotos já saem prontas, prefiro fazer tudo na própria foto, excluindo casos que necessitem de fusões que inviabilizariam este processo”.

Produção Profissional



Café Moka - 2005



Café São Paulo – Chef Airys Kury – 2006



Revista Capricho – Especial Dietas – 2006

Produção amadora



Pinacoteca do Estado de São Paulo - 2004



Avenida São João - 2005



Teatro Municipal de São Paulo - 2005

5.3 – Produção amadora

Talvez possa parecer estranho se dar um destaque tão grande à produção fotográfica de pessoas que não tenham relevância na história da fotografia. Porém, não devemos olhar para essa nova produção amadora através das câmeras digitais com uma visão baudelairiana. Pois, como já vimos, o desenvolvimento da fotografia se deve muito a esses fotógrafos que têm a satisfação como único pagamento.

Diferentemente dos amadores dos tempos áureos do FotoCineClube Bandeirantes²², nossos novos amadores não são tão experimentais quanto às técnicas fotográficas. Porém, deram um importante salto ao deixarem de serem meros registradores de momentos.

À primeira vista, as fotografias que analisaremos a seguir não mostram nada de inovador, mas não se engane. Pois, não estamos procurando “fotões”, mas boas fotos. Aliás, já percebemos, através das imagens analisadas da produção profissional que saber fotografar é muito mais que tirar belas fotos e tem muito mais a ver com a postura e utilização que fazemos do equipamento fotográfico que apenas o resultado obtido através dele.

22 – Nota do autor: Fundado em 1939, em São Paulo, foi um dos mais importantes fotoclubes brasileiros e, apesar de já não ter mais o mesmo destaque, continua funcionando.

Angelita Rossi, 29 anos, guia de turismo.

Angelita ganhou sua primeira câmera fotográfica aos doze anos e começou a fotografar com digitais a três.

“A câmera digital é muito mais prática, você não perde nenhuma foto, não existe surpresa na hora da revelação, embora o investimento seja grande, a economia com filmes e revelação vale a pena, mas, principalmente os recursos, que nas compactas não-digitais não encontramos. [...] não preciso fazer economia, tiro as fotos mais diferentes e de momentos inesperados”.



Escritório da Cachaça



Sol



Nina



Memorial Ucrainiano

Apesar de não produzir imagens inovadoras, Angelita, que começou a fazer um curso por correspondência da National Geographic, já mostra uma preocupação com o enquadramento e a captura de assuntos diferenciados através de seu equipamento digital.

Glêdson Rodrigo do Amaral Ribeiro, 22 anos, estudante.

Mesmo já tendo utilizado câmeras analógicas, o natalense Glêdson está fotografando com sua câmera digital há apenas dois meses e já se arriscou a produzir algumas montagens.

“(sobre as diferenças entre fotografar com filme e com digitais) A facilidade de poder avaliar a foto na hora e poder ter uma idéia melhor de como vai sair. [...] eu não era acostumado a fotografar, era coisa ocasional, muito rara, então não posso dizer que tenho experiência com as analógicas. Eu não fotografava, tirava fotos, entende?”.



Sem título (fotomontagem)



Sem título



Reis Magos



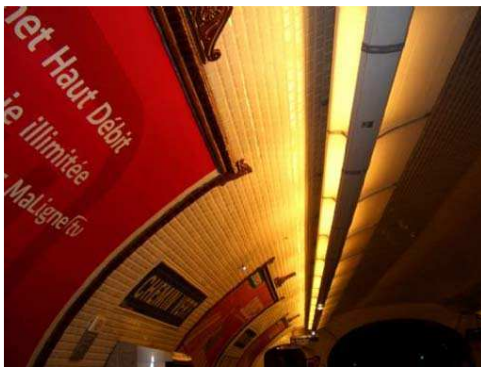
Macro Relógio

Apesar de estar fotografando com sua câmera há apenas dois meses, Glêdson já percebeu que há uma grande diferença entre fotografar e simplesmente utilizar o equipamento.

Iris Silva, 26 anos, supervisora de aeroporto.

Iris fotografa com câmeras digitais há cinco anos e acredita que através dos recursos oferecidos por sua câmera passou a entender melhor o processo fotográfico.

“Com o tempo de utilização e controle dos contrastes e níveis de branco e flash, a máquina digital me fez entender um pouco mais e pude conseguir obter o efeito desejado na foto. Ao contrário, quando utilizava a máquina de filme não imagina que existia, pois não apresentava o controle dessas funções”.



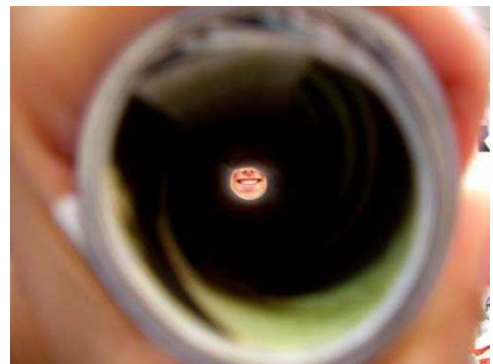
Amelie



Best Gifts Ever



Grocery



The words are all around

Iris varia bastante nos temas e costuma nomear suas fotos passando uma mensagem adicional à imagem. Quanto à utilização que dá as fotografias produzidas, diz que dificilmente as amplia.

“Hoje em dia com a popularização dos fotologs e álbuns digitais [...] acabo quase nem me utilizando da impressão e postando tudo no álbum digital”.

Isaias Alexandre de Mattos, 23 anos, técnico contábil.

Isaias fotografa com câmeras digitais desde 2004 e já teve seus trabalhos expostos no departamento de cultura da cidade de Portão no Rio Grande do Sul, uma foto escolhida para a capa da lista telefônica da mesma cidade e outra selecionada para fazer parte de um Atlas lançado por uma editora no Canadá. Ele faz questão de dizer que nenhum dos trabalhos foi remunerado.

“As melhores (fotos) eu edito e posto até duas, três por dia na minha página no Flickr.

É uma vitrine do meu trabalho e onde aprendo muita coisa com outros amadores e profissionais muito bons”.



Areal



Descanso



Retrato



Relembrando

“Quando comprei minha câmera (digital), embora já tivesse idéia de que ia tentar fazer boas imagens não imaginava que ia se tornar um vício. E a busca por conhecimento é uma consequência disso”.

Jair Pinto Ribeiro, 29 anos, técnico em informática.

Jair, que atualmente mora na Itália, gosta de variar nos temas na hora de fotografar.

“Sou apaixonado por fotografia e me divirto. Meu único hobby atualmente. [...] Eu fotografo absolutamente tudo... mas estou tentando me dedicar mais a still-life... mas me interessa muito por nu artístico”.



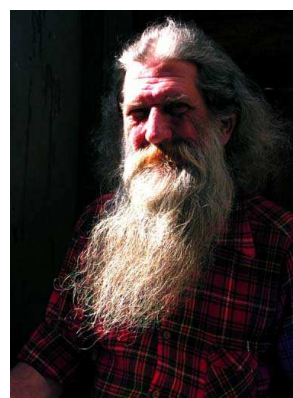
Can Money buy your happiness, man



Solitude



Light Xperiences – 7



The man of the Street - 2

Apesar de já ter fotografado com câmeras analógicas acredita que somente agora está realmente fotografando.

“Todo mundo começou com uma analógica, né? Mas não considero fotografia o que eu fiz antes... foto de aniversário com compactas. Foto de turista, coisas assim”.

Luciana Rizzo, 30 anos, doutoranda em física.

Luciana já fotografou com câmeras analógicas profissionais e há um ano está com uma compacta digital.

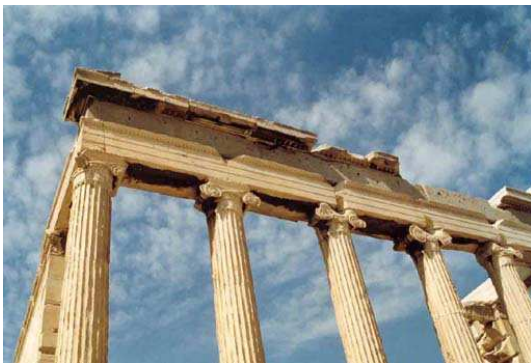
“A minha câmera analógica é toda manual, e isso para mim é uma vantagem. A minha câmera digital só permite o controle de algumas poucas variáveis”.



Bia



Berlim_opt



Erecteu



Piranografo

Ela acredita que, apesar da sua câmera analógica oferecer mais recursos, consegue produzir de forma mais espontânea com as câmeras digitais.

“Com a câmera digital o processo de tirar foto é mais espontâneo. Afinal, sempre existe a possibilidade de apagar ou tirar outra foto. Já com a câmera analógica eu costumo tirar fotos com mais cuidado”.

Marina Midori Hakoyama, 44 anos, médica endocrinologista.

Marina costuma fotografar suas viagens e, como mergulhadora, tem predileção pela fotografia subaquática. Apesar de achar as câmeras digitais lentas em relação às câmeras analógicas na hora de fotografar objetos em movimento, acredita que as digitais estão melhorando muito.

“Poder retocar a foto com o Photoshop é maravilhoso, na câmera convencional nós não conseguíamos fazer isso”.



Detalhe da Construção Em El Gouna



Mesquita Do Sultão Hassan – Cairo



Foto Subaquática - Detalhe de Gorgônia - Palau



Vista Do Mar No Palau Pacif Resort - Palau

“Ter uma câmera digital facilita durante uma viagem pois podemos enviar via Internet a foto aos amigos. [...] Antes viajavamos com o máximo de 30 rolos de filmes de 36 poses o que dá 1080 fotos, destas mais da metade iam para o lixo. Com a digital em uma viagem tiramos cerca de 5000 fotos e ficamos com pelo menos metade no computador e passamos para o papel cerca de 200 fotos só para mostrar as melhores para familiares e amigos”.

Ricardo Berdu Rezende Pinto, 23 anos, empresário.

Ricardo é da geração que se iniciou com as câmeras digitais. Porém, apesar de nunca ter fotografado com uma câmera analógica, acredita que as digitais ainda não conseguiram superá-las quando falamos em qualidade de imagem.



Uma Bebida Preferida



Sem título



Sem título



Sem título

Quanto à finalidade de sua produção fotográfica, diz que fotografa somente como recordação de algum momento e costuma ampliar algumas.

Victor M. de A. Coutinho, 19 anos, estudante.

Apesar da pouca idade, Victor já fotografou com câmeras analógicas. Afinal, apesar da tecnologia digital não ser tão nova assim, a popularização das câmeras digitais no Brasil se deu somente no final de década de 90.



Chocolate



Sem título



Sem título



Sem título

Victor acredita que a única desvantagem das câmeras digitais é a qualidade da imagem.

“(Sobre as vantagens das digitais) Praticidade e custo-benefício. Acho que a única desvantagem, às vezes, é a qualidade da fotografia”.

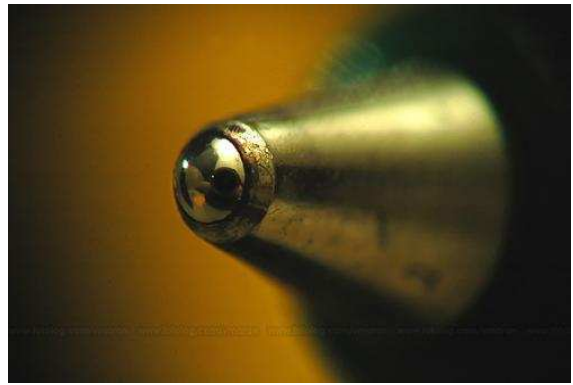
Vinícius Maran, 19 anos, estudante.

Após um ano fotografando com uma compacta digital, Vinícius achou que era hora de investir em um equipamento com mais recursos e comprou, há dois meses, uma câmera digital profissional com duas objetivas.

“Já fotografei com filme, mas só em câmeras automáticas comuns. A exploração da fotografia começou mesmo na digital”.



Agora Só Falta o Vinho



BIC



Minha Primeira Tentativa de Still



São Miguel das Missões – RS

Vinícius já vendeu uma foto para uma agência de publicidade, mas diz que, por enquanto, a fotografia é só um hobby.

Essa pequena amostragem retrata bem as transformações no produzir e no pensar imagético que os dispositivos digitais têm proporcionado ao fotógrafo amador. Hoje, o ato fotográfico é prática comum em todas as faixas etárias, classes sociais, culturais e econômicas.

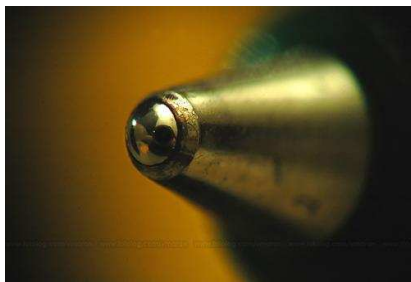
Apesar da maioria dos entrevistados ter se iniciado na fotografia com câmeras analógicas, apenas uma minoria ainda as utiliza; e mesmo sem ter participado de cursos de fotografia e utilizando câmeras compactas, boa parte experimenta novos assuntos e enquadramentos com seus equipamentos digitais; trata e manipula as imagens produzidas através de programas de editoração gráfica e publica seus trabalhos na Internet como forma de divulgar sua produção, ouvir a opinião dos internautas e trocar idéias com outros fotógrafos.

Quando iríamos imaginar encontrar um nu bem produzido por um jovem que fotografa a menos de dois anos e fez um curso de uma semana ou uma imagem que poderia ser utilizada tranquilamente em



um cartaz de turismo ou publicidade e que foi tirada durante as férias de uma médica?

Será que sem a economia e facilidades proporcionadas ao fotógrafo amador pelas câmeras digitais, teríamos um estudante de dezenove anos produzindo imagens com um belo enquadramento



cinematográfico e outro, da mesma idade, fazendo experimentações em macrofotografia?

É visível, através das fotografias analisadas, que o fotógrafo amador está fotografando mais e

melhor e, mais do que apenas apertar o disparador, está buscando mais conhecimento sobre as técnicas e linguagens. Coisa que não acontecia na sua relação com as câmeras analógicas. Assim, cada vez mais, se distanciam da produção autômata.

Um novo movimento fotoclubista?

Se fizermos uma retrospectiva até a década de 70, o fotógrafo produzia a imagem, revelava o filme e ampliava a imagem manualmente. Na década de 80, com a expansão dos minilabs²³, o fotógrafo abriu mão de boa parte do processo e, a partir do final da década de 90, com as câmeras digitais e os programas de editoração gráfica o fotógrafo profissional e amador voltaram a ter o controle do tratamento de suas imagens.

Porém, o fotógrafo autômato nunca teve controle algum. Pois não tinha a fotografia como profissão e os fotoclubes eram muito elitistas e caros para que pudesse participar e se desenvolver.

“De caráter elitista, o fotoclubismo visava fazer da fotografia uma atividade artística. A condição do fotógrafo clubista, em termos gerais, era a do profissional liberal que, dono de uma situação financeira privilegiada, podia se deciar à fotografia em suas horas vagas”²⁴.

Esta terceira categoria – a dos simples usuários das câmeras fotográficas, pela primeira vez, ao tratar e pensar suas imagens no computador tem a possibilidade de se desenvolver e tornar-se um amador.

Falando em tratamento de imagem, não podemos deixar de citar o programa mais conhecido e utilizado para este fim, o Photoshop, que até pouco tempo atrás estava restrito às mesas dos profissionais da área gráfica.

23 – Nota do autor: Equipamento destinado à revelação e ampliação automática.

24 – Helouise Costa, *A fotografia moderna no Brasil*, CosaicNaify, São Paulo, 2004 – pp 22

Em contrapartida, hoje vemos a maioria dos computadores de uso pessoal equipados com este ou algum outro programa similar. O computador e os programas de tratamento de imagens, ao dar autonomia de criação e transformação às imagens capturadas substituindo todo o processo de revelação e ampliação, oferecem um mundo de possibilidades criativas.

O que antes não fazia parte do processo fotográfico, passa à mão do fotógrafo autômato na hora de manipular suas fotos no computador e, mesmo que não tenha conhecimento do funcionamento do processo de revelação e ampliação na fotografia analógica, passa a fazer parte e a interferir criticamente desde o disparo até a impressão da imagem fotografada.

Esta nova forma de enxergar a imagem vai além da fotografia, pois, em sua grande maioria, as câmeras digitais compactas também gravam vídeos. Portanto, esta experimentação também está sendo aplicada à produção videográfica e da mesma forma que encontramos fotoblogs para a publicação de fotografias, é possível divulgar seus vídeos em sites gratuitos como o YouTube²⁵ e o Revver²⁶.

Fazendo uma analogia, seria exagero dizer que a Internet está para o homem contemporâneo assim como as paredes das cavernas estavam para o homem pré-histórico? Provavelmente, não!

Através das pinturas rupestres, o homem pré-histórico deixava suas marcas e histórias nas paredes das cavernas. O homem contemporâneo através da Internet propaga suas idéias e história, com seus sites, blogs e fotoblogs. Porém, com interatividade e aprendizado.

25 – <http://www.youtube.com/>

26 – <http://www.revver.com/>

Numa rápida pesquisa realizada através do Google²⁷, um dos mais conhecidos e utilizados sites de busca, é possível encontrar mais de 4.250.000 de páginas com o termo *fotografia digital*, 197.000.000 com o termo *câmera digital*, 1.350.000 com o termo *fórum fotográfico* e mais de 1.446.980.000 de páginas com os termos *blog* e *fotoblogs*; e é certo que se você resolver fazer essa mesma pesquisa para comprovar os resultados, encontrará um número muito maior de páginas, pois esse crescimento segue quase uma progressão aritmética.

Os blogs²⁸ “começaram a chamar a atenção da mídia em 2002, quando se registrava a existência de meio milhão de sites desse tipo. Na época, estimou-se que 41 mil novos blogs foram criados a cada mês.

O número é realmente espantoso, se lembrarmos que no início de 1999, antes do lançamento do primeiro sistema de criação e hospedagem gratuita de blogs (o Blogger), os blogs não passavam de 23.

Entretanto, quem digitou a palavra *blog* no Google, como eu, em janeiro de 2003, recebeu de troco 3.390.000 indicações de sites com esse perfil. Em agosto de 2005, a mesma busca retornou 145.000.000”.

Portanto, o que dá vazão a essa avalanche de produção e experimentação não é, pura e simplesmente, o equipamento fotográfico digital com suas facilidades e economia e sim, a Internet e seu universo de possibilidades. . Caso contrário, continuaríamos imprimindo/ ampliando todas as imagens e fotografando como sempre fizemos – apenas momentos reconhecidamente especiais enquadrados no centro da tela para não deixarmos de capturar nenhuma informação imagética.

27 – <http://www.google.com.br/>

28 – Giselle Beiguelman, *Link-se*, Peirópolis, São Paulo, 2005 – pp 69.

Logo, aos poucos estamos perdendo a necessidade de imprimir as imagens digitais tiradas através de nossos dispositivos digitais fotográficos e aprendendo a conviver com a imagem digital e extrair mais de suas possibilidades. O computador passou a ser o minilab do fotógrafo que tem a Internet como seu centro de distribuição e, naturalmente, está desenhando o mais democrático dos fotoclubes, onde a troca de idéias e experimentações é ilimitada.

07 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a sua invenção, na primeira metade do século XIX, a fotografia trouxe em si aspectos democratizantes. Porém, nada se compara à democratização na produção da imagem que os dispositivos digitais fotográficos, nas suas mais variadas formas, estão proporcionando. Mais do que experimentar novos enquadramentos, o usuário da fotografia digital está desenvolvendo novas formas de expressão através da imagem.

Ao ter que nomear suas fotos acaba escrevendo poesias e músicas para ilustrar e tentar explicar o que pretendeu retratar com aquele disparo. Com os programas gráficos, mesmo com pouco conhecimento técnico, já que as interfaces estão cada vez mais intuitivas, produz montagens, recortes e à sua maneira está produzindo a sua arte. Além de criar um senso crítico sobre a imagem captada ao ter que escolher quais imagens irá imprimir. Já que com a câmera digital, na maioria das vezes, fotografamos o mesmo assunto mais de uma vez para não correr o risco de perder a foto e depois selecionamos as melhores. Isto quer dizer que o novo fotografo amador, sem querer, está fazendo o que o fotografo profissional sempre fez: “queimou”²⁹ vários filmes para chegar ao resultado esperado.

Não chegamos ao resultado esperado sem experimentação e é isso que a fotografia digital está proporcionando desde a captação da imagem até o seu tratamento. Através desta experimentação, o usuário transcendeu o caráter mágico da fotográfica onde entre o disparo e a ampliação havia um vácuo e passou a ter um maior controle sobre todo o processo.

29 – Nota do autor: Jargão fotográfico para designar o uso inteiro de um filme.

A democratização da produção da imagem técnica realmente trouxe uma maior consciência acerca da manipulação das mídias através da imagem. Porém, não podemos ser levianos e acreditar que somos os donos da situação. Pois, como disse Flusser, corremos o sério risco, de nos tornamos manipulados pelo aparelho.

Por outro lado, quando colocamos a importância nos recursos do equipamento, relegamos o fotógrafo à categoria de coadjuvante do processo, sendo que, na verdade, o aparelho fotográfico deva ser encarado como suporte para o desenvolvimento de idéias através da imagem. Portanto, é uma questão de conceito e não de qualidade. Qualquer um tira belas fotografias, mas quantos produzem uma boa imagem? E ser profissional, amador ou autômato está muito mais ligado à forma como utilizamos as câmeras fotográficas do que diretamente ao resultado obtido. Através dessa utilização vamos circulando em cada uma delas.

A nossa história como amadores com os equipamentos digitais está só começando e o que fará a diferença será justamente a forma como iremos utilizar e nos relacionar com estas tecnologias. Está em nossas mãos a responsabilidade de sermos senhores e não operários. Porém, de que lado ficaremos, só o tempo dirá.

08 –REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDI, P.M. *Em Torno da Fotografia no Brasil*. São Paulo, SP, Sudameris, 1987.

BAUDELAIRE, Charles. *O público moderno e a fotografia*, em *Salão de 1846, Poesia e Prosa*. Organização Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Aguilar, 1995.

BEIGUELMAN, Giselle. *Link-se*. Peirópolis, São Paulo, 2005.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas – Magia e técnica, arte e política*, São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. *Obras Escolhidas – Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*, São Paulo: Brasiliense, 1989.

COLLIER, John. *Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa*. São Paulo, EPU, 1973.

COSTA, Helouise, **SILVA**, Renato Rodrigues da. *A Fotografia Moderna no Brasil*. São Paulo, Cosac Naify, 2004.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

DUBOIS, Philippe. *O Ato Fotográfico e Outros Ensaios*; tradução Marina Appenzeller. Campinas, SP, Papirus, 1993.

FABRIS, Annateresa (org). *Fotografia: usos e funções no século XIX*. São Paulo, SP, Edusp, 1998.

FERNANDES JUNIOR, Rubens. *Labirinto e Identidades-panorama da Fotografia no Brasil (1946-98)*. São Paulo, Cosac Naify, 2003.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da Caixa Preta – Ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Relume Dumará, Rio de Janeiro, 2002.

KOSSOY, Boris. *Fotografia & história*. 2.ed. rev. – São Paulo; Ateliê Editorial. 2001.

MAGALHÃES, Ângela, **PEREGRINO**, Nadja. “Fotografia no Brasil: um olhar das origens ao contemporâneo”. Funarte, Rio de Janeiro, 2004.

MCLUHAN, Stephanie e **STAINES**, David. org. *McLuhan por McLuhan. Entrevistas e conferências inéditas do profeta da globalização*. Rio de Janeiro, RJ; Ediouro. 2005.

MONFORTE, Luiz Guimarães. *Fotografia Pensante*. São Paulo, SP, Senac, 1997.

PERSICHETTI, Simonetta. *Imagens da fotografia brasileira Vol 1*. São Paulo, SP, Estação Liberdade, 1997.

_____. *Imagens da fotografia brasileira Vol 2*. São Paulo, SP, Senac, 2000.

PINKER, Steven. *Tábula Rasa*. Companhia Das Letras, São Paulo, 2004.

ROSE, Carla. *Teach yourself digital photography in 14 days*. USA; Hayden Books, 1996; trad. br. **FUMANKIEWICZ**, Edson. *Aprenda em 14 dias fotografia digital*. Rio de Janeiro; Ed. Campus, 1998.

SANTAELLA, Lucia. *Por que as comunicações e as artes estão convergindo*. Paulus, São Paulo, 2005.

SCHAEFFER, Jean-Marie. *L’image précaire – Du dispositif photographique*. France; Éditions du Seuil, 1987; trad. br. **BOTTMANN**, Eleonora. *A imagem precária: Sobre o dispositivo fotográfico*. São Paulo; Ed.Papirus, 1996.

8.1 – ARTIGOS / JORNAIS / REVISTAS

DORIA, Pedro. *Reacionários e Progressistas*. Coluna Navegar Impreciso: Jornal O Estado de S.Paulo, 13/03/2006,

http://www.link.estadao.com.br/index.cfm?id_conteudo=6715

SUPER INTERESSANTE. *A Mente Seletiva*. Entrevista com Geoffrey Miller. Abril, São Paulo, ed. 161 fev, pp 82, 2001.

SUPER INTERESSANTE. *A Mente Seletiva*. Entrevista com Geoffrey Miller. Abril, São Paulo, ed. 181 out, pp 94-95, 2002.

8.2 – INTERNET

AMATEURFILM MAGAZIN, Die größte deutschsprachige Community für Amateurfilmer. <http://www.amateurfilm-magazin.de/index.php?page=home>. Último acesso em 17 de junho de 2008, às 10h30 AM

FAMÍLIA VIANA ANDRÉ, Para quem gosta de fotografia. <http://vianandre.com/galeria.php?start=>. Último acesso em 17 de junho de 2008, às 11h45 AM.

FLICKR,

<http://www.flickr.com/>

MEDIENAMATEURE, Internationale und interdisziplinäre Tagung der Universität Siegen. <http://www.medienamateure.de/start.html>. Alemanha, 05-07 de junho de 2008. Último acesso em 17 de junho de 2008, às 10h00 AM.

ORKUT. *Comunidade: Fotografia Digital – Amadores*,

<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=131585>

REVVER,

<http://www.revver.com/>

YOUTUBE,

<http://www.youtube.com/>